# UMA BREVE COMPARAÇÃO ENTRE O FASCISMO CLÁSSICO E OS NEOFASCISMOS. O MÍDIA SEM MÁSCARA E O NEOFASCISMO DE TERCEIRA ONDA

Natalia dos Reis Cruz
Universidade Federal Fluminense
ndrc@globo.com

O Brasil vem sendo palco de movimentos políticos localizados no espectro da extrema direita que possuem um virulento anticomunismo em seu discurso e procuram arregimentar adeptos para suas ideias através das redes sociais. Atualmente, um dos principais nichos anticomunistas organiza-se em torno do movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, que possui uma narrativa conspiracionista como esteio de suas análises sobre os problemas brasileiros e mundiais.

Um dos produtos intelectuais do movimento é a obra "O Eixo do Mal Latino-Americano" e "A Nova Ordem Mundial", publicado em 2008, de autoria do psicanalista Heitor de Paola, no qual apresenta um resumo das principais ideias do Mídia Sem Máscara, sendo tal obra chancelada por Olavo de Carvalho, que redigiu o seu prefácio, iniciando-o com uma ode ao autor da obra, definindo-o como "analista político", embora ele não tenha qualificação acadêmica ou formação na área para debater ciência política, filosofia ou história.

> Se o jornal eletrônico Mídia Sem Máscara não servisse para mais nada, só o ter revelado aos leitores brasileiros o analista político Heitor de Paola já bastaria para justificar sua existência e torná-la mesmo indispensável. O homem, de fato, não tem equivalente na "grande mídia" nem – até onde posso enxergar - nas cátedras universitárias, tal a amplitude do horizonte de informações com que lida em seus comentários e tal a claridade do olhar que ele lança sobre o vasto,complexo e móvel panorama da transição revolucionária latino-americana, reduzindo a sequências causais coerentes a variedade dos fatos em que seus colegas - digamos que o sejam - não enxergam senão um caos fortuito ou a imagem projetada de seus próprios sonhos, desejos, preconceitos e temores. (CARVALHO, 2008, p. 15)

Esta obra pode ser vista como um expoente do conspiracionismo no Brasil, pois baseia seu discurso na ideia de que os comunistas pretendem dominar o mundo e estariam por trás de vários acontecimentos recentes envolvendo figuras importantes do mundo político, econômico e cultural. O autor faz uma apropriação da história soviética, através da estratégia de sua descontextualização - da Revolução Bolchevique à Perestroika, com o objetivo de fortalecer a narrativa conspiracionista de caráter anticomunista que caracteriza toda a obra paolina.

O Mídia Sem Máscara foi fundado em 2002, com o objetivo de "denunciar" o que chamam de "viés esquerdista" da mídia brasileira, que esconderia ou distorceria ideias e notícias. Assim, o movimento se pretende “sem máscara”, ou seja, apresentaria notícias de forma "objetiva" e "neutra", imagem esta totalmente inverídica pelo viés direitista das narrativas de seus membros. É um movimento formado por elementos da pequena burguesia, como jornalistas, advogados, professores, etc, que apresentam em seu discurso elementos da mentalidade fascista (teorias conspiratórias, aversão à diversidade política e étnico cultural, construção de inimigos internos e externos) e se preocupam em mobilizar vastos setores da sociedade em um movimento de confluência entre a propaganda e a publicidade, para produzir consenso em torno de ideias que servem aos interesses dos setores dominantes da grande burguesia, assim como possuem uma rede extrapartidária associada a vários aparelhos privados de hegemonia da grande e pequena burguesia.

Consideramos o movimento Mídia Sem Máscara uma expressão do neofascismo no Brasil, acompanhando o amplo trabalho de Lucas Patschiki, que o apresenta como um projeto fascista que se insere nos fascismos de terceira onda, defensores das políticas neoliberais, e como parte da reação das forças conservadoras e reacionárias da sociedade brasileira ao novo arranjo do bloco no poder após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República, em 2002. Tais forças utilizam o anticomunismo como base ideológica comum visando o acirramento da luta de classes e a crise aberta, para fomentar uma ruptura política que assegure a reprodução capitalista em bases neoliberais através de objetivos fascistas, sendo o principal deles "a quebra completa da organização da classe operária nos limites estatais-nacionais". (PATSCHIKI, 2012, p. 123)

Para introduzir essa discussão, é preciso realizar uma breve análise comparativa entre os fascismos clássicos e os chamados neofascismos. Segundo Kocka,

"comparação em história significa discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente com respeito a suas similaridades e diferenças de modo a alcançar certos objetivos intelectuais." Entre os méritos da abordagem comparativa estão o auxílio na identificação de questões e a clarificação de perfis de casos únicos. Quanto aos objetivos intelectuais, eles seriam de caráter heurístico, descritivo, analítico e paradigmático. Do ponto de vista heurístico, a análise comparativa permite identificar questões e problemas que podem ser perdidos, negligenciados ou não concebidos pelo historiador ao estudar determinado tema. Já a descrição torna possível o esclarecimento de perfis de casos singulares, contrastando-os com outros. Em termos analíticos, a comparação é imprescindível para formular questões causais e respondê-las. E no que diz respeito à função paradigmática da comparação, ela ajuda no distanciamento do caso melhor conhecido pelo historiador, muitas vezes a história do seu próprio país, permitindo a descoberta de que o caso mais familiar é apenas uma possibilidade entre outras. (KOCKA, 2014, p. 270-281)

Assim, podemos nos fazer, entre outras, a seguinte questão: o que há de comum entre os fascismos clássicos e os neofascismos e o que os diferencia? Este trabalho procura responder de forma introdutória a esta problemática.

É extremamente importante a compreensão cada vez mais clara acerca do fascismo, pois se trata de um dos fenômenos políticos mais significativos de século XX e o seu espectro continua se fazendo presente no século XXI, contrariando as interpretações epocais sobre o fenômeno, que o situam apenas no contexto histórico do entreguerras.

Konder nos aponta que o fascismo possui uma universalidade que ultrapassa suas manifestações particulares (notadamente, o chamado fascismo clássico), já que despido de suas particularidades, o fascismo do entreguerras revela fundamentos que podem encontrar novas formas de manifestação, o que seria seu principal perigo. Mas a sua determinação está ligada ao capital e suas necessidades de reprodução ampliada em sua fase monopolista, em que o Estado é essencial para a acumulação de capital. O fascismo é uma espécie de direita, que não se confunde com os movimentos e partidos da direita tradicional, pois possui uma retórica "revolucionária", embora seja socialmente conservador, serve-se de mitos irracionalistas – como exemplo, o mito da nação (baseado na ideia de uma unidade fictícia, que abstrai os conflitos e as divisões sociais presentes nas sociedades) -, faz uso dos modernos meios de propaganda de massa, é

chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista e antioperário. (KONDER, 2009, p. 23)

A comparação entre os fascismos clássicos e os neofascismos nos permite perceber que há uma essência fascista para além das manifestações particulares, contextuais e nacionais dos diversos fascismos existentes. E que o fascismo e seu espectro não estão presos no tempo ou em dado contexto histórico. O fato de não haver a forma do fascismo clássico (partido militarizado, uniformes marrons, suásticas, camisas negras, fascios) não nos permite falar de um não-fascismo, porque o substancial pode estar bem presente, ou seja, o irracionalismo, a valorização dos sentimentos e dos instintos, o chauvinismo, o pragmatismo, o culto da nação mítica, o anticomunismo, a negação do outro. (KONDER, 2009, passim)

A determinação de classe dos fascismos é fundamental. Embora a origem do fascismo esteja ligada à pequena e média burguesia, que exatamente por se situar entre as duas principais classes da sociedade – a grande burguesia e o proletariado – pode falar em uma espécie de "transcendência de classe" e advogar o mito da nação, não se pode compreender a ascensão ao poder e o crescimento do movimento fascista sem atentar para a adesão do grande capital, que financiou o fascismo (KONDER, 2009, p. 49-51) e percebeu o quanto o mito nacional era funcional aos seus interesses de classe e ao controle social sobre os trabalhadores.

Os denominados fascismos clássicos surgiram no período entreguerras, na esteira das consequências sociais, econômicas, políticas e culturais trazidas pela Primeira Guerra Mundial. As frustrações com os resultados deste conflito, as fissuras que ele deixou e a crise econômica de 1929 contribuíram para o surgimento e ou fortalecimento dos movimentos fascistas que, em um contexto de descrédito para com o liberalismo em todos os seus aspectos e da ascensão da ideia de revolução proletária no esteio da revolução bolchevique de 1917, passaram a ser uma opção para as camadas médias que temiam a perda de suas posições sociais, arregimentando também parte do proletariado e sendo instrumentalizados pelo grande capital.

Os fascismos clássicos, cujos maiores representantes foram o fascismo italiano e o nazismo alemão, centravam seu discurso no antissemitismo, fomentando a tese da conspiração judaica de dominação mundial[1], no anticomunismo e no nacionalismo

---

1É digno de nota, porém, que o fascismo italiano não foi, inicialmente, centrado no antissemitismo, tendo adotado políticas antissemitas apenas nos anos 1930, após sua aliança com a Alemanha nazista.

exacerbado, propondo uma nova forma de organização política e econômica, rompendo com o modelo da democracia liberal e do livre mercado, e concebendo uma sociedade organizada de forma corporativa – visando eliminar a luta de classes -, com um Estado forte, autoritário e militarizado, e a construção da coesão social e nacional através da mobilização de massas em prol da depuração da nação dos seus "inimigos" – enxergados principalmente nos judeus e comunistas. Nos fascismos clássicos, a estrutura organizativa era feita com base no partido único, hierarquizado e militarizado, com suas milícias partidárias e combatentes, tendo um líder carismático à frente que incorporava os ideais nacionais e representava a nação.

A crise econômica do capitalismo em um contexto de ameaça revolucionária, já que um modelo alternativo ao capital se construía na URSS, fez com que o capital se abrisse para formas de controle social e político das classes trabalhadoras via fortalecimento do Estado policial e autoritário, com intervenção econômica no mercado e construção de arranjos institucionais que promovessem um reordenamento do bloco no poder, para que a reprodução capitalista pudesse subsistir sob a hegemonia do grande capital monopolista. A burguesia industrial e financeira passou a ver com bons olhos a intervenção do Estado no fortalecimento do capitalismo monopolista e na destruição de todo vestígio de livre concorrência.

Os chamados neofascismos inserem-se no contexto do pós-guerra, após a derrota dos fascismos clássicos pelos aliados. Em um novo contexto histórico, em que as ideias e práticas fascistas foram rechaçadas após a tragédia do extermínio nazista, os fascistas tiveram que sofrer algumas metamorfoses para sobreviverem nas novas circunstâncias históricas. São chamados de fascismo de "segunda onda", que modificaram suas formas de organização e algumas ideias, inserindo-se na democracia parlamentar burguesa. Neste caso, tais partidos e ou movimentos fascistas abandonaram o corporativismo e passaram a enfatizar quase que exclusivamente o combate ao comunismo e a aceitação da pluralidade partidária, sendo, portanto, bastante úteis no contexto da Guerra Fria e auxiliares na luta do Ocidente capitalista e liberal contra a URSS e seus aliados. (PATSCHIKI, 2012, p. 21)[2]

---

2Como exemplo de fascismos da segunda onda, temos o Movimento Sociale Italiano (MSI), fundado em 1972; o Partido Nacional Democrático da Alemanha (NPD), criado em 1964 a partir da fusão de várias agremiações de direita; e o Partido de Representação Popular (PRP), que agregou os integralistas brasileiros no pós-guerra.

Os fascismos de "terceira onda" surgiram a partir da década de 1980 e abarcam o período pós-Guerra Fria, quando, devido ao fim do chamado socialismo real, passaram a centralizar seus ataques principalmente aos imigrantes e ao islamismo, embora o discurso anticomunista não tenha desaparecido, defendem políticas neoliberais e a retirada de direitos dos trabalhadores. Os neofascismos de terceira onda apresentam uma estrutura organizativa diferente da dos fascismos clássicos, havendo uma descentralização de suas diversas instituições de luta e, mesmo os partidos ainda sendo altamente centralizados em torno de lideranças específicas, eles não assumem mais o caráter organizativo e simbólico dos partidos fascistas clássicos, formando-se redes extrapartidárias e até células relativamente autônomas para evitar a sua marginalização e a criminalização do centro do movimento, em caso de ações diretas de milícias, já que estas não são mais vinculadas estreitamente ao partido. Como resultado dessa estrutura descentralizada, são possíveis iniciativas criativas de atração de militantes, além do uso ostensivo da internet para atuação política – não somente para propaganda e disseminação ideológica, mas também para organização, cooptação, formação e confronto ideológico. (PATSCHIKI, 2012, p. 21)[3]

As mudanças e adaptações do fascismo ao longo do tempo estão ligadas às necessidades da reprodução ampliada do capital, pois o fascismo é útil para que tal reprodução ocorra em caso de crises, tendo, porém, que apresentar algumas mudanças organizativas e até ideológicas para continuar a ser aceito e usado como instrumento de mobilização das massas na luta do capital contra a expansão de ideias e movimentos ligados aos interesses das classes proletárias e que possam obstaculizar a acumulação capitalista. No caso específico do Mídia Sem Máscara, enquanto fascismo de "terceira onda", podemos situá-lo tanto na luta contra medidas consideradas progressistas após a ascensão do PT ao poder como na defesa do desmonte ultraliberal do Estado e das reformas que retiram direitos trabalhistas e previdenciários colocados em prática a partir do governo de Michel Temer, em 2016.

O conspiracionismo continua fazendo parte dos movimentos neofascistas, mas o Mídia Sem Máscara apresenta algumas novidades em relação aos fascismos clássicos. Nestes, a figura do judeu era central no discurso do "inimigo" nacional, pois era acusado de todos os males sociais. O elo de ligação entre os banqueiros capitalistas e os

---

3Entre os fascismos de terceira onda, pode-se incluir, além do próprio Mídia Sem Máscara, a Frente Nacional (FN) francesa, surgida na década de 1980 ; e o Tea Party norte-americano, fundado em 2009.

comunistas era o judeu, a "ânsia de domínio mundial" pertenceria a ele. Para o Mídia Sem Máscara, no entanto, os judeus deixaram de ser os inimigos, possuindo, inclusive, uma atitude claramente pró-Israel. Os alvos semíticos passam a ser os árabes muçulmanos, sendo a islamofobia uma das características do movimento liderado por Olavo de Carvalho. O islã é acusado de pretender dominar o mundo, utilizando, para isso, a imigração em massa de muçulmanos para a Europa, com o suposto intuito de "destruir a civilização judaico-cristã". Se, para os fascistas clássicos, os comunistas estavam de mãos dadas com os judeus, para o Mídia Sem Máscara, os comunistas agora se aliam ao islamismo. (CARVALHO, 2016)

Uma outra característica do Mídia Sem Máscara que o diferencia do fascismo clássico é a defesa da liberdade e da democracia sob o modelo do capitalismo liberal de mercado. É nítido nos escritos de Carvalho e seus seguidores a contraposição entre os "totalitarismos", que associam tanto ao comunismo e ao nazismo – reeditando a tese predominante durante a Guerra Fria -, e a "democracia" liberal do Ocidente, assim como enaltecem o capitalismo enquanto modelo de liberdade do indivíduo em oposição ao socialismo, representado como opressor em relação aos direitos do indivíduo. O discurso da "democracia" é compreensível diante da necessidade de adaptar o espectro fascista ao sistema liberal democrático, pois os neofascismos agem dentro do sistema liberal e procuram "conciliar" as ideias de intolerância e o discurso do inimigo nacional à defesa do modelo democrático. Mas ao mesmo tempo, demonstram sua essência antidemocrática, ao tratarem os adversários como inimigos e não como forças legítimas na disputa política.

Quanto à defesa do capitalismo, é importante dizer que o fascismo sempre foi pró-capital, ainda que os clássicos procurassem um modelo corporativista e adotassem um discurso "anticapitalista". O "anticapitalismo" dos fascismos clássicos, no entanto, significava a crítica à hegemonia do grande capital, principalmente o capital usurário, sobre o Estado, em detrimento das médias e pequenas burguesias. Não atacavam o sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção, mas buscavam um equilíbrio que garantisse uma harmonia de classes e a possibilidade de ascensão para as classes médias. Era, portanto, um modelo interventor, tendo o Estado fascista como o grande fiador desse equilíbrio, embora, após chegarem ao poder, tenham beneficiado principalmente o grande capital em suas medidas.

Já o fascismo do Mídia Sem Máscara é neoliberal e está a serviço das necessidades do capitalismo atual quanto ao corte de custos e à ampliação das possibilidades de expansão e reprodução do capital às custas do setor público e dos direitos dos trabalhadores, em um contexto em que não há mais uma ameaça concreta de um modelo alternativo de sociedade. Não possuem um discurso "anticapitalista", mesmo que retórico, ao contrário, defendem abertamente o capitalismo e, quando criticam o grande capital, os banqueiros e os monopólios privados, não os associam ao sistema capitalista, mas ao que chamam de "metacapitalismo", algo que não pertence à essência do capital, uma classe que "transcendeu o capitalismo e o transformou no único socialismo que algum dia existiu ou existirá, o socialismo dos grão senhores e dos engenheiros sociais a seu serviço." (CARVALHO, 2008. p. 254-255)

Desconsideram, portanto, a tendência natural do capitalismo à concentração e centralização do capital, associando tal fenômeno, em vez disso, a falhas de caráter de indivíduos isolados que burlam as leis da livre concorrência para enriquecer. Dessa forma, retiram do sistema a responsabilidade pela existência do grande capital usurário e monopólico ou oligopólico, já que o verdadeiro capitalismo, na visão do movimento, é o de livre concorrência.

O fato de terem que usar a máscara de defensores da "democracia" e adotarem aparentemente um discurso liberal democrático, permite que não se assumam enquanto defensores do espectro fascista, e utilizam a tese do "totalitarismo" para retirarem do campo da direita o fenômeno fascista, já que o ligam ao comunismo enquanto representante do Estado "totalitário". Nesse sentido, aproximam-se da tese desenvolvida por Hannah Arendt (2012), que utiliza o conceito de "totalitarismo" para se referir tanto ao nazismo alemão como ao bolchevismo soviético, colocando sob um mesmo conceito regimes totalmente distintos no que diz respeito ao seu conteúdo de classe e ao projeto de sociedade que defendem.

O Mídia Sem Máscara apresenta também uma novidade discursiva: desenvolve a tese do "nazismo de esquerda" (CARVALHO, 2019), com base na questão da intervenção do Estado na vida social, desconsiderando a essência de ambos os regimes e limitando-se a aspectos superficiais, como se o Estado nazista tivesse a mesma natureza de classe e se propusesse aos mesmos fins que o Estado comunista (os Estados do socialismo real). E como se o Estado não fosse absolutamente necessário também à acumulação de capital, através da sua intervenção em sociedades capitalistas voltada

para garantir a propriedade privada dos meios de produção e a apropriação privada da riqueza social.

Dessa forma, a tese do "nazismo de esquerda" tem a função de negar a essência fascista do movimento e relacionar o fascismo à esquerda; isso só é possível porque, enquanto um movimento neofascista, o Mídia Sem Máscara não assume as formas do fascismo clássico.

O Mídia Sem Máscara propaga um discurso de ódio e constrói estereótipos acerca de grupos sociais e movimentos situados à esquerda do espectro político, bem como propaga um moralismo de caráter cristão contra alvos considerados destoantes do padrão moral que defendem, pretendendo unificar uma base de massas na luta contra os inimigos construídos. Seu espectro fascista está presente em seu discurso islamofóbico, lgbtfóbico, misógino, anti-indigenista, anticomunista, antifeminista, antimovimento negro e antiesquerdista em geral, pois ambos os alvos são colocados em uma posição de contrários aos interesses nacionais e à civilização ocidental judaico-cristã. A ideia de conspiração do inimigo também está presente e fortalece a mobilização que o movimento pretende realizar atraveś das mídias sociais.

Nesse sentido, o discurso neofascista do movimento é funcional aos interesses do capital, pois ajuda a canalizar os ressentimentos, as frustrações e os temores sociais das massas trabalhadoras contra alvos específicos, contribuindo para que a organização de classe contra os interesses do capital seja enfraquecida e dificultada. O anticomunismo tem um papel bastante preponderante no movimento Mídia Sem Máscara, pois através dele se articula a luta contra os demais inimigos eleitos, já que todos estariam relacionados em torno de uma proposta de revolução contra a ordem social capitalista e judaico-cristã. Por isso, embora o comunismo não exista mais enquanto uma ameaça concreta ao sistema capitalista após o fim das experiências socialistas do leste europeu, o anticomunismo continua bastante presente nas ideias conspiracionistas do movimento de Olavo de Carvalho, e serve para atemorizar as massas contra tudo aquilo que possa ser percebido como ameaça ao acúmulo desenfreado de capital.

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. As Origens do Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CARVALHO, Olavo de. As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente. Verbum, Ano I, Números 1 e 2, Julho-Outubro, 2016. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/as-garras-da-esfinge-rene-guenon-e-a-islamizacao-do-ocidente/>. Acesso em 03 ago. 2018.

_________, Olavo de. O Nazismo era esquerdista? E o Fascismo? Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=oODfzPLE_m4>. Acesso em 27 dez. 2019.

KOCKA, Jürgen. Para Além da Comparação. Revista Esboços, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-286, ago, 2014.

KONDER, Leandro. Introdução ao Fascismo. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PAOLA, Heitor de. O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial. São Paulo: Editora É Realizações, 2008.

PATSCHIKI, L. Os Litores da nossa Burguesia: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011). Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.